



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Autor/editor: Seeta Chaganti	Cód.:
TÍTULO: Strange Footing: Poetic Form and Dance in the Late Middle Ages	Data da ficha: 8 de Julho 2018
Editora: University of Chicago Press	
Ano: 2018	
ISBN: 9780226548180	
Páginas: 304	

1. Observações sobre o conteúdo:

1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Os leitores modernos tendem a ver a relação da poesia com as outras artes de forma analógica: a estrutura em verso é “como” um edifício, um quadro, etc. A relação entre a dança e a poesia tem sido pensada da mesma forma. No entanto, este método, segundo Chaganti, trivializa a relação profunda entre as duas artes. A sua relação não é a de um infinito paralelismo sem interseções ou a de uma sobreposição harmoniosa. Por exemplo, em situações em que a dança é acompanhada por canções isto é evidente. A estrutura estrófica de certos géneros líricos é ainda mais clara neste âmbito, mostrando-nos que certas formas poéticas muitas vezes radicam em padrões coreográficos. Por a relação entre a poesia e a dança ser tão profunda, as afinidades tornam-se menos aparentes. Assim, a poesia não é “como” a dança mas sim produto de hábitos percetuais do mundo da dança. Interessa à autora fundamentalmente a forma multimodal como as audiências que viam e participavam nas danças experienciavam a poesia. No caso concreto da era medieval, âmbito de análise deste livro, a relação da poesia com a dança não era meramente de harmonia, visto que ambas produzem também arritmia, desorientação e estranheza. A forma da poesia era entendida pelo público medieval como algo “virtual”, entre o real e o irreal. A desordem fazia parte da sua estrutura.

A autora diz-nos que neste seu estudo irá mover-se da dança para a poesia e não ao contrário. Se começasse pela poesia, então as regularidades e harmonias a ela inerente corriam o risco de serem extrapoladas para a dança. Mais vale, então, ter como ponto de partida a outra arte, na qual o movimento é central e ajuda a amplificar o elemento de estranheza comum a ambas.

Hoje tendemos a ver a dança como uma arte que requer imenso treino desde a juventude. Na era medieval, as pessoas tinham uma relação mais íntima com a dança e esta moldava as suas práticas e o modo como experienciavam o mundo. A nossa perspetiva moderna compromete, por isso, a capacidade que temos de entender a influência que a dança teve sobre as outras artes.

Chaganti detém-se sobre conceito de “virtualidade”. Aqui reporta-se ao trabalho de Susanne K. Langer, que nos diz que a dança não resulta dos músculos ou dos movimentos dos dançarinos mas no “sistema de forças” que estes criam perante o espectador. Os corpos fazem algo quando dançam, mas aquilo que vemos não é meramente espacial mas sim uma “entidade virtual”. Chaganti diz-nos que é a esta mesma noção de virtualidade que, nos seus *Canterbury Tales*, Geoffrey Chaucer recorre para explicar a irrupção da primavera. “Vertu” é ao mesmo tempo a força por detrás da chuva que cai e das flores que vão nascendo. Esta “vertu”, na teologia da altura, aparece também associada à “força” das palavras e à intenção das pessoas que as usam; uma força que se estende no tempo e que antecipa o futuro. Esta ideia de antecipação é central para perceber a conceção medieval daquilo que circundava, precedia e sucedia o corpo em movimento.

Se tentássemos reconstruir estas danças de um ponto de vista arquivístico, este elemento de virtualidade poderia não sobressair. Deste modo, Chaganti sugere um exercício de “reencenação narrativa” (“narrative reenactment”): a ideia é chegarmos à dança medieval a partir daquilo que esta tem em comum com a dança contemporânea. A autora recorre assim ao trabalho de Lucinda Childs e Mark Morris, coreógrafos que usam elementos multimédia, o formato da procissão e a dança da roda. O objetivo não é demonstrar que existe uma base “transhistórica” comum entre as danças do passado e do presente. Visto que, enquanto experiência, a dança medieval mostra-se tão remota e opaca como o mundo interior do espectador do lado, o que interessa é produzir um “conhecimento do interstício”. A dança medieval é de facto uma “caixa negra”, mas o que isso significa é que ficamos com a responsabilidade adicional de pensar com a devida subtilidade.

Chaganti debruça-se sobre *Ghostcatching* (1999), uma coreografia que usa tecnologia de “motion capture” para iluminar os corpos dos dançarinos, tornando visíveis os “vetores e curvas” que compõem a dança. Realçam-se, assim, as forças que “suplementam” o movimento do corpo, a dimensão virtual da dança. Chaganti justapõe *Ghostcatching* a uma dança demoníaca do século catorze que se destacava, segundo um sermão da altura, pela sua “força” e “potência”. As forças que implica mantêm uma relação indeterminada relativamente ao real. Segundo este sermão, a dança podia até nem envolver qualquer corpo físico. Este suplemento sobrenatural é, em *Ghostcatching*, e na era moderna (menos habituada à dança), iluminado através da tecnologia. Como o nome da coreografia indica, a dança, enquanto arte, propõe-se a “captar o fantasmagórico”.

Enquanto críticos modernos, diz Chaganti, estamos sempre à procura de elementos de desordem nas estruturas aparentemente regulares do passado. Mas até que ponto projetamos para o passado as nossas noções de irregularidade? Ao atender à relação da poesia medieval com a dança, o objetivo é descobrir subtilidades formais que olho pós-moderno não consegue detetar. Não devemos deixar-nos enganar pela simetria que muitas vezes marca as estruturas medievais – enquanto performance e como

acompanhamento de eventos de dança, estes poemas, por exemplo, convidavam o leitor/ouvinte a adotar um papel participativo e o dito elemento de “virtualidade” fazia-se sentir em certas hesitações e incongruências que persistem apesar da regularidade dos poemas.

O livro debruça-se particularmente sobre a “dança macabra” e as chamadas “carols” (danças de roda que se faziam durante procissões e festivais).

1.2. Palavras-chave:

Dança Contemporânea; Dança Medieval; Poesia Medieval; Virtualidade; Analogia; Paralelismo; Performance; Formas/Estruturas Poéticas

Grupo Transmedialidades

Para citar esta ficha de leitura:

João Paulo Guimarães (2018), ficha de leitura do livro: Chaganti, Seeta. (2018), *Strange Footing*. University of Chicago Press.